

RESUMOS

Ritual e Memória: Construção Identitária das Grandes Reuniões Macaenses

Enquanto grupo étnico especial em Macau, resultante das comunicações culturais entre oriente e ocidente, e dos contactos interétnicos, os macaenses são de grande valor investigativo para a sociologia, a etnologia e os estudos culturais. Este artigo analisa a situação de três categorias de reuniões macaenses, isto é, rituais religiosos, celebrações tradicionais e celebrações temáticas. Quatro pontos são mantidos neste artigo: a) as actividades religiosas como “rituais” são interacções deus-homem e homem-homem; b) com a aplicação das redes sociais, as celebrações tradicionais enquanto “cerimónias” são “a invenção das tradições”, antigas e novas; c) a homenagem aos “modelos” e às glórias históricas têm um importante significado nas reuniões temáticas enquanto “celebrações”; d) a identidade cultural dos macaenses é uma premissa importante para definir a sua etnia.

[Autores: Tang Io Weng, Zhou Yanshan pp. 6–16]

Gastronomia Macaense: Cozinha de Fusão ou Evolução?

A cozinha Macaense está ancorada na história, eventos sociais, percepções culturais e influências étnicas provenientes de populações de diferentes regiões do Oriente e outras partes do mundo.

É importante distinguir pratos de fusão das receitas originadas nas regiões e no tempo, permitindo uma janela para a história dos povos. A cozinha de evolução é moldada pelos produtos agrícolas e da pesca disponíveis nas cidades e regiões.

Os pratos icónicos Macaenses são conhecidos pela sua designação em Patoá, atestando a sua natureza genuína e evolução no local de origem.

Devemos sentir orgulho em salvar e promover esta herança. As tradições culinárias Macaenses são uma herança viva e devem ser partilhadas através das gerações como identidade única.

[Autor: Manuel Fernandes Rodrigues, pp. 17–25]

Gastronomia Macaense como Veículo Social em *Os Dores* de Henrique de Senna Fernandes

Desde cedo a gastronomia tem marcado presença nas obras literárias, tornando-se uma marca identitária das sociedades e contribuindo para retratar a história de cada grupo humano. Os escritores têm-se assumido como guardiões das memórias sociais, o que nos permite aprofundar os conhecimentos sobre hábitos e costumes, bem como sobre as condições de vida dos diferentes aglomerados humanos.

Mas este registo dos escritores carece sempre de ser estudado, valorizado, aprofundado e categoriza-

do para dele se extraírem todas as potencialidades que em si mesmo encerra.

Partindo deste pressuposto, o presente artigo tem o objectivo de fazer uma análise da obra *Os Dores* para aí identificar alguns dos hábitos culinários de Macau na primeira metade do século XX, e a partir daí descortinar o valor social simbólico que os mesmos representam.

Em *Os Dores* o autor tece um conjunto de situações em que a gastronomia assume particular relevância social. Macau era um pequeno burgo em que a “mesa” e as “ementas” eram afirmação social e também caminho para a ascensão na hierarquia social, quebrando barreiras e marcando o ritmo da convivência quotidiana.

Torna-se evidente que urge e é imperativo estudar a obra dos escritores de Macau para preservar e divulgar a cultura macaense que, no contexto actual, corre o risco de se esbater ou mesmo de perder muitas das suas especificidades singulares.

[Autores: Jorge Bruxo, Lurdes N. Escaleira, pp. 26–43]

Subsídios para a História dos Portos de Mar de Macau: Séculos XIX e XX – Dos anos 80 aos anos 20

O Porto Interior de Macau, situado no estuário do Rio das Pérolas, a jusante dos seus muitos afluentes, de outras linhas de água, de campos de orizicultura e de

dejectos de aglomerados humanos, foi sentindo, ao longo do período da presença portuguesa, um persistente assoreamento que ameaçava transformar as suas águas num banco de areia e lodo. Durante grande parte desse tempo, as autoridades com domínio sobre o assunto assistiram, impassíveis, à decorrência do fenómeno, tomando, por vezes, apenas túbias medidas para o remediar, as quais, de todo, resultavam vãs face à verdadeira dimensão do referido fenómeno. Enquanto isso, Macau assistia à degradação contínua das condições de acesso e de utilização do seu porto de mar, não sem que o governo da metrópole fosse de tal avisado. Por fim, o dramatismo da situação obrigou a que as instâncias do poder se consciencializassem de que algo tinha mesmo que ser feito no sentido de travar os efeitos tremendamente nefastos do assoreamento. Confrontadas com propostas várias de resolução do problema, as governações, encurraladas entre os custos das mesmas e os recursos de que dispunham, iam protelando, como sempre o haviam feito, decisões de fundo, limitando-se à aplicação de pequenas e avulsas soluções.

O início da segunda década do século XX trouxe, todavia, algumas mudanças e novas realidades. Novas realidades que correram o risco de inutilidade, mas que Macau soube inteligentemente aproveitar e dar-lhes um destino digno, proveitoso e civilizacional.

Autor: Fernando Mendonça Fava, pp. 44–61]

Yang Pinqua 楊丙觀: Comerciante de Cantão e Macau 1747–1795

O exemplo de Pinqua é um dos poucos que temos de um comerciante externo que trabalha muitos anos como negociante bem-sucedido de porcelanas para depois se tornar um comerciante Hong. À época da sua nomeação em 1782, Pinqua tinha 35 anos de experiência em lidar com estrangeiros e granjeara uma boa reputação como comerciante sério e confiável. No entanto, apesar dessa experiência passada, tal revelou-se insuficiente para superar os desafios que enfrentou como comerciante Hong. Não apenas essa nova posição exigia que ele negociasse uma variedade muito maior de bens, mas Pinqua tinha também de assumir as dívidas de homens falidos, o que significava ter de negociar volumes muito maiores para gerar rendimentos suficientes a fim de responder a esses pagamentos. Como comerciante Hong, ele foi chamado pelas autoridades chinesas – incluindo o imperador – a complementar os orçamentos administrativos quando estes não conseguiam cobrir as necessidades em causa. Embora Pinqua fosse supostamente "rico" aquando da sua nomeação, cinco anos depois teve sérios problemas de fluidez. A morte de Pinqua é um testemunho das influências negativas que cercaram os comerciantes Hong e levaram a maioria dos seus negócios ao fracasso.

[Autor: Paul A. Van Dyke, pp. 62–89]

Compreender o Carácter *Yi* na Cantão Pré-guerra do Ópio: Um Estudo do Jornal Mercante *The Canton Register*

Este artigo examina a discussão sobre o significado do carácter chinês *yi* entre os comerciantes ocidentais na Cantão Pré-Guerra do Ópio, na China. No período anterior à guerra, os comerciantes ocidentais de Cantão compreendiam a complexidade do significado de *yi*, e tinham interpretações diferentes desse significado. No entanto, com o desenvolvimento do comércio sino-ocidental em Cantão, os comerciantes ocidentais foram ficando cada vez mais insatisfeitos com o sistema de comércio estabelecido pelo Império Qing. Eles queriam mudar a situação em que tinham de aceitar todas as regras estabelecidas pelo governo Qing antes de poderem fazer negócios na China. Sob estas circunstâncias, *yi* foi atacado como um símbolo dessa situação. O significado literal de *yi* tornou-se irrelevante mesmo para muitos comerciantes ocidentais.

[Autor: Chen Bin, pp. 90–100]

As Origens Chinesas do Karate-Dō Japonês

As artes marciais chinesas tiveram uma grande influência no surgimento das artes marciais nas nações culturalmente tributárias da China como a Coreia, o Vietname e muito particularmente o Japão. Deste legado

RESUMOS

chinês no Japão, o Karaté 空手, ou Karate-dô 空手道, será porventura o mais expressivo, tanto pelas origens directas das artes marciais chinesas naquela arte marcial japonesa, como pela visibilidade mundial que o karaté conquistou no mundo inteiro sendo hoje a arte de combate desportiva mais popular do mundo. O autor traça o percurso das origens chinesas do karaté japonês através das relações históricas triangulares entre a Ilha de Okinawa, a China e o Japão.

[Autor: Rui Rocha, pp. 101–119]

à luz da botânica e de novas abordagens da etnobotânica.

Em 2015 a cientista chinesa Tu Youyou ganhou o prémio Nobel da medicina pela descoberta de novas terapias no tratamento da malária. A farmacologista descobriu Artemisinina, o componente activo da planta artemísia. Do encontro da milenar medicina chinesa com a moderna bioquímica a ciência produziu um novo medicamento. Confirma-se que, no herbário do *Shi Jing*, nem uma só espécie é insignificante.

[Autora: Fernanda Dias, pp. 120–147]

Do Cancioneiro ao Herbário: Notas sobre a flora do *Clássico das Odes*

Símbolo de fecundidade, de renovação e da perenidade da natureza, reconhecidas por muitas culturas como avatares dos deuses, as plantas estão na base de mitos e lendas com que os grupos humanos primordiais explicaram o retorno da vida. Atribuíram-lhes simbolismos que perduram até hoje; contudo, quando se trata do *Shi Jing*, a interpretação desses símbolos, varia conforme os leitores e os fins a que se destina a leitura deste Clássico. Antologia de poesia, registos históricos ou manual de moral e costumes, todos esses subtítulos farão justiça ao 詩經 *Clássico da Poesia* ou *Clássico das Odes*; ao longo dos séculos os comentadores não deixaram de sublinhar os valores que intentavam realçar. A ciência de hoje vem em socorro desses estudos, iluminando as espécies da flora consagradas na literatura

